

O ENSINO DOS NÚMEROS INTEIROS RELATIVOS COM MATERIAL MANIPULÁVEL E O SABER DOS ALUNOS DE UMA TURMA DE SEXTA SÉRIE DA E.E.E.M. BAIRRO DO PARQUE

Maria Cristina Rullan Maciel¹

Arno Bayer²

RESUMO

Consciente da dificuldade que alunos de 6ª, em geral, têm para compreender o conceito e as operações com Números Inteiros Relativos, fez desenvolver este estudo, que busca colaborar para melhorar tal compreensão. A presente investigação foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio, Bairro do Parque no município de Esteio. O público alvo desta pesquisa foram os alunos da 6ª série, turma 61T, do Ensino Fundamental. Partindo de uma atividade já realizada em 2009 que indicou a viabilidade de aplicação e o desenvolvimento dessa investigação. Trata-se de uma pesquisa em sala de aula, numa abordagem qualitativa com o objetivo de analisar as atividades desenvolvidas por um grupo de alunos, em sala de aula dessa escola. Nosso intuito foi fazer com que os alunos da Turma 61T, com dificuldades de compreender as operações com os números inteiros relativos se sentissem incluídos no processo ensino aprendizagem de matemática. Para desenvolver essas atividades, realizamos o levantamento de dificuldades e obstáculos que os alunos tinham, quando envolvidos no processo de ensino-aprendizagem dos Números Inteiros Relativos. Desenvolvemos uma série de atividades usando materiais concretos. Investigamos os segmentos envolvidos que opinaram positivamente a respeito.

Palavras chaves: Números Inteiros Relativos. Educação Matemática. Operações com Números Inteiros Relativos.

INTRODUÇÃO

O trabalho ora realizado teve como objetivo analisar o potencial de uma sequência de atividades para minimizar dificuldades enfrentadas pelos alunos da 6ª série com as operações com números inteiros relativos.

O objetivo relaciona-se à seguinte problemática: o uso de materiais concretos pode melhorar a aprendizagem dos Números Inteiros Relativos?

Os alunos da sexta série da E.E.E.M. Bairro do Parque tinham dificuldade para operar com os Números Inteiros Relativos, a partir desta realidade surgiu motivação para desenvolver esta investigação. Nosso intuito é contribuir com a melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem desses alunos, considerando não só os seus conhecimentos prévios, mas dando-lhes condições de transpor as fronteiras do

¹ Professora de Matemática da Escola Bairro do Parque. Aluna do PPGECIM.

² Doutor em Ciência da Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da ULBRA.

conhecimento informal, para o conhecimento matemático sistemático, fator importante para a inclusão na aula de matemática.

Nossa prática docente junto aos alunos nos mostrou as dificuldades que estes educandos têm para compreender os números inteiros e suas operações. É provável que os conhecimentos prévios facilitem a compreensão do conceito, desde que as situações utilizadas partam das vivenciadas por eles, mas não se restrinjam só a elas, e assim favoreçam a aprendizagem.

Os conhecimentos prévios dos alunos são diversificados e difusos, na maioria das vezes são vistos equivocadamente como obstáculos à aprendizagem. Cabe ao professor planejar uma intervenção didática que vise transformar essa diversidade num ponto de estímulo de modo que o aluno consiga vivenciar fatos matemáticos, analisá-los e compreendê-los.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Médio Bairro do Parque, localizada na Rua Clarice Lispector 163, Bairro Novo Esteio, no município de Esteio. O universo dessa pesquisa é formado pelos alunos da 6ª série, turma 61 da escola anteriormente citada, da qual sou a professora titular. A turma é composta por 30 adultos, a maioria residente no Bairro.

Nossa pesquisa foi iniciada através da observação do contexto nos quais os alunos estavam inseridos, neste caso, em sala de aula. Foram propostas atividades em sala de aula, através de uma sequência didática, no transcorrer do I semestre de 2009 e colocada em prática com material manipulável.

DESENVOLVIMENTO

A Matemática tem um papel importante na construção da cidadania pois é, através desta ciência, muitas situações cotidianas são entendidas e resolvidas. Lopes (1998) escreve que o ensinar e aprender estão presentes nas relações humanas desde os tempos mais remotos. Ele cita que a humanidade acumula saber com o objetivo de sobreviver e também como forma de preservar sua cultura.

Comecei a lecionar, muito antes mesmo de ter concluído minha graduação, na Escola Estadual de Ensino Médio Bairro do Parque. No início de minha carreira como docente ministrava as aulas apoiada no livro didático, mas sempre achei que poderia fazer algo diferente para meus alunos, pois, tinha como propósito despertar nos alunos o interesse pelo aprender.

A Matemática é vista por muitos alunos como algo difícil de entender, que tem como consequência muitas vezes a reprovação. É comum nas aulas de Matemática aparecerem perguntas feitas pelos alunos, como: “Professor, para que serve a matemática?” Outra pergunta frequente é: “Professor quando vou usar este conteúdo?” Isto mostra que os conteúdos matemáticos são ensinados de forma descontextualizada o que faz com que o aluno não perceba sua utilização no futuro.

Uma das causas do fracasso no ensino – aprendizagem da matemática pode estar na própria Escola, pois nossos alunos estão inseridos em uma sociedade onde há diversas formas de motivações que, normalmente, não são encontradas na escola.

Os alunos manipulam números a todo o momento, mas quando estão frente a esses números na sala de aula sentem dificuldades de trabalhar com eles.

A cada ano que passava se fez presente na sexta série da Escola citada, a dificuldade dos alunos em operar com os Números Inteiros Relativos. Percebe-se que o que é passado em sala de aula não é relacionado com o dia-dia de cada um. Foi com a intenção de reduzir as dificuldades com o ensino e aprendizagem deste conteúdo, que desenvolvi um trabalho com materiais concreto com a Turma 61. O propósito era conseguir que a maioria dos alunos operassem com os Números Inteiros Relativos, sem enfrentar tão grandes dificuldades.

Era preciso motivar os alunos, mostrar que a Matemática é um conhecimento que está presente no cotidiano de cada um de nós, e isso só é possível havendo uma integração entre o professor, o aluno e o conteúdo que se está trabalhando. E assim o aluno possa perceber a importância e a beleza desta ciência que é a Matemática. Visando um ensino que motivasse e mobilizasse os alunos da sexta série (T61) realizei o trabalho com materiais manipuláveis.

A investigação mostra como o trabalho com material manipulável, motivou e reduziu as dificuldades que os alunos vinham enfrentando quando precisavam operar com os Números Inteiros Relativos.

Um dos grandes problemas existentes no ensino da matemática é o alto índice de dificuldade na disciplina, provavelmente devido a maneira como é trabalhada em sala de aula. É de responsabilidade do professor fazer uso adequado, dos meios e métodos pedagógicos que resultem na construção do conhecimento por parte do aluno, estimulando o interesse e a motivação.

A investigação detalhada neste trabalho se origina a partir da seguinte preocupação: o uso de materiais concretos pode melhorar a aprendizagem dos alunos da 6ª

série da Escola E.E.M. Bairro do Parque, que tem dificuldade em operar com os números inteiros relativos.

O objetivo geral da pesquisa realizada é de investigar se o uso de materiais concretos pelos alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Bairro do Parque que tem dificuldade em operar com Números Inteiros Relativos, pode melhorar a aprendizagem.

A matemática ainda é considerada como a maior vilã, dentre todas as disciplinas escolares, visão que reflete a falta de entendimento dos conceitos estudados no processo de ensino-aprendizagem. Considerando então, essa idéia tão negativa em relação à disciplina, seria importante salientar que, cabe ao educador despertar no educando o interesse pela matemática, utilizando para isso um processo mais criativo e desta maneira a aprendizagem tornar-se-ia satisfatória para ambas as partes.

Ensinar matemática é desenvolver o raciocínio lógico, estimular o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas. Nós, professores de matemática, devemos procurar alternativas para aumentar a motivação para a aprendizagem, desenvolver a autoconfiança, a organização, a concentração, a atenção, o raciocínio lógico-dedutivo e o senso cooperativo, desenvolvendo a socialização e aumentando as interações do indivíduo com outras pessoas.

A disciplina de Matemática é trabalhada com o aluno de uma maneira não atrativa: grande parte dos fatos e procedimentos, continuam da mesma forma como há alguns anos atrás; permanecem parados no tempo, não evoluem (ALBUQUERQUE, 2000).

Colaborando com esta idéia, o professor Luiz Roberto Dante, sustenta que faltam elementos para o desenvolvimento total do aluno, já que a matemática foi transformada em algo rígido, chato e sem finalidade. Dante afirma, também, que os alunos usam só a memória e por conseguinte não desenvolvem as habilidades de explorar. Estamos vivendo em uma sociedade que passa por grandes transformações, seja no meio econômico, social, ambiental, etc. Acredito na importância de investigar alternativas para colocar o aluno frente a esses problemas, para que eles aprendam a discuti-los de forma crítica. Dentre as várias alternativas de ensino o uso do material manipulável foi a que mais me trouxe resultado positivo.

A consciente dificuldade que alunos da sexta série tem em compreender o conceito e as operações com os Números Inteiros Relativos nos fez desenvolver este estudo. Para desenvolver as atividades que foram previstas, realizamos um levantamento das dificuldades e obstáculos que os alunos apresentaram quando inseridos no processo

ensino – aprendizagem dos Números Inteiros Relativos, e também estudos sobre o uso do material manipulável.

O material bibliográfico de autores que mostram como inserir o material manipulável em sala de aula e o cuidado necessário para trabalhar com tal material, foi de grande importância. Ao buscar subsídios teóricos para uma reflexão tenho constatado a pouca existência de discussões técnicas. Estas discussões com mais força começam a surgir mais recentemente movido a crença de que “a manipulação de material concreto melhora a aprendizagem da Matemática (Schliemann, 1992.p.99). Porém, uso de materiais manipuláveis no ensino já foi destacado por Pestalozzi, no século XIX, onde defendia que a educação deveria começar pela percepção do concreto com a realização de ações concretas e experimentações. Segundo Fiorentini (1995), na concepção empírica – ativista o aluno passa a ser considerado o centro do processo, que, por conseguinte leva a descoberta e ao princípio de que “aprende-se a fazer fazendo”, ou seja, se pautam atividades nas quais se valorizava a ação, a manipulação e a experimentação. A base do ensino está fundamentado sobre materiais manipuláveis, situações lúdicas e experimentais. Mas cabe ressaltar que a partir da década de 1970 que a idéia empírica – ativista toma força, e isso se deve a uma discussão a nível mundial, devido a questionamentos realizados ao Movimento da Matemática Moderna. Surge aí uma mobilização a nível nacional para a produção e divulgação de material manipulável.

Segundo Moysés (2003, p.60) “não há muita continuidade no que se aprende na escola e o conhecimento que existe fora dela”. Nesse sentido a autora também afirma que “o conhecimento adquirido fora dela nem sempre é usado para servir de base á aprendizagem escolar”. Como docentes sabemos que o que ensinamos às vezes não é da mesma forma como é praticada. As críticas existentes fizeram com que uma nova tendência surja, tendo como preocupação a contextualização do ensino, e, na sua base, está o enfoque sócio – histórico da psicologia, onde surgiu uma nova área de pesquisa, que é a Etnomatemática, que segundo D’Ambrósio (1990), citado por Moysés (2003, p.63) como “programa que visa explicar os processos de geração, organização e transmissão de conhecimentos em diversos sistemas culturais e as forças interativas que agem nos e entre os três processos” que converge preocupações vinculadas à fatores culturais, como, por exemplo, língua, hábitos, costumes, modos de vida, e o ensino e a aprendizagem da matemática. Os alunos aprendem Matemática fora da escola. D’Ambrósio (1995) afirma que a Matemática é um instrumentador para a vida e que o aluno tem que resolver situações reais, do dia-dia. De acordo com D'Ambrósio, (p.15, 2001), "o grande desafio

que nós, educadores Matemáticos, encontramos é tornar a Matemática interessante, isto é, atrativa; relevante, isto é, útil; e atual, isto é, integrada no mundo de hoje". Assim, levar em conta o manejo da Matemática que o aluno traz no dia-a-dia pode ajudar muito o professor. O aprendizado da matemática principalmente por crianças é favorecido pela intervenção de adultos que os orientem, lhes proporcionando materiais concretos e escritos, que dialoguem com eles e lhes dêem confiança na sua capacidade de aprender.

Moysés viu a necessidade da pesquisa do professor, e que ela seja, mais direcionada á realidade da escola publica, que permite com que o mesmo se preocupe em conhecer e interpretar a realidade sócio - cultural de seus alunos e da comunidade onde se encontra inserida a escola. Dessa forma ele poderá adaptar o ensino às características dos alunos onde ele terá sentido, pois dando sentido e significado ao ensino da matemática, a escola possibilita ao aluno uma das formas de ler, interpretar e explicar o mundo.

Assim, o aluno perceberá e aprenderá os conteúdos de sala de aula com a realidade que ele vivencia no seu cotidiano. Realizando essa relação ele perceberá que o que aprende na sala de aula, ele vivencia em casa, quando ele vai ao supermercado para fazer compras ou mesmo quando os responsáveis pedem para eles pagar as contas de água , luz, telefone, até saber quanto é que se gastou em combustível para o carro.

Para a autora, a escola não se preocupa com a contextualização do trabalho matemático, onde se baseiam em fórmulas, equações e representações simbólicas que frequentemente não deixam claro os aspectos essenciais do problema.

Nessa reflexão não poderíamos deixar de fora alguns aspectos da teoria de Vigotsky (1988), pois para este autor os problemas na análise psicológica do ensino não podem ser resolvidos de forma correta sem mencionar a relação existente entre aprendizagem e desenvolvimento.

O autor menciona como questão central a relação entre aprendizado e desenvolvimento e dos aspectos específicos dessa relação quando a criança atinge a idade escolar. O início da discussão está no fato de que as crianças começam o aprendizado muito antes delas frequentarem a escola.

Na direção desse entendimento é que se fala de re - contextualização do ensino, onde mostra a necessidade do professor contextualizar o conhecimento que o aluno já possui, ampliando-o e atribuindo-lhe novos significados.

Vigotsky (1988) diferencia aprendizado de aprendizado escolar, já que este ultimo está voltado para o conhecimento científico, ou seja, esse aprendizado vai ser adquirido numa sala de aula e transmitido por um professor.

Outros estudos realizados sobre Educação matemática envolvem matemáticos e especialistas da área da Educação que apontam em propostas adequadas para o ensino dessa ciência exata, considerando a realidade do discente, do docente e o ambiente escolar (Vilela,2009).

Durante muito tempo, o ensino da disciplina de Matemática foi caracterizado pela repetição, memorização de fórmulas e reprodução de algoritmos, em que a metodologia se baseava na transmissão do conteúdo pelos professores. Nessa perspectiva o aluno é entendido como sujeito passivo no processo aprendizagem cabendo a ele reproduzir em situações semelhantes ao que foi abordado nas aulas. Borges (1989,p.15) diz que nos dias atuais “O ensino de Matemática nas primeiras séries do Ensino Fundamental, está ocorrendo, na grande maioria das escolas, como uma atividade essencialmente mecânica”.

Atualmente, o ensino da Matemática está sofrendo alterações com a implantação dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), tendo como órgão responsável o Ministério da Educação.

Com o levantamento bibliográfico realizado, um novo desafio teria pela frente na Turma 61, já que sabia que a grande dificuldades das sextas séries era em operar com os Números Inteiros Relativos. Quando iniciei o conteúdo de Números Inteiros Relativos, o fiz da forma tradicional, só que por ser uma turma, que eu mesma sempre incentivei a questionar, a tirar as duvidas na medida que íamos avançando nos conteúdos, percebia que eles, o faziam, mas não entendiam. Com isso minha preocupação aumentava e chegava a me questionar se estaria trabalhando o conteúdo, de forma adequada. Foi pesquisando que encontrei na Revista Nova Escola um artigo e um material que seria elaborado por eles mesmos. Era uma régua para cálculos operatórios, solicitei aos alunos o material e a construímos através do modelo apresentado na Revista Nova Escola, (Nº. 133, junho /2000). A proposta foi de construir uma régua diferente para facilitar a compreensão dos números inteiros relativos e assim ver que “para cada número inteiro existe um ponto na reta”. Uma das atividades propostas foi colocar vários números positivos e negativos em uma caixa e ir tirando e marcando o número retirado da caixa na reta. Outra atividade que foi realizada com o mesmo conteúdo foi o varal dos números inteiros, foram elaboradas cartas tipos do baralho, com números positivos e negativos e como referência foi colocada o zero. A turma tinha que lembrar que a direita estavam os números positivos e a esquerda os negativos. Com a construção da régua, começaram a ter um melhor entendimento, já que podiam visualizar os números inteiros negativos, percebiam que esses números faziam

parte do conjunto dos números. Quando eu pensava que estava tudo solucionado, que com a introdução da régua operatória a turma tinha compreendido os números inteiros, introduzi as expressões numéricas, foi ali que percebi que a turma encontrava muitas dificuldades. Passar as expressões no quadro e pedir para eles resolver tinha se convertido em uma tortura não só para eles, para mim também. Tinha que pensar em algo, o tempo ia passando, e eles não sabiam operar com os números inteiros, conversei com a supervisora da escola, expliquei a situação, eu não podia dar por encerrado um conteúdo que eles não sabiam, estava consciente que estaria passando o problema, para as séries seguintes. Conversei com os alunos, eles sempre dispostos, diziam que estudariam mais em casa, foi feita uma reunião com os pais, e eles concordaram em que os alunos tinham que estudar mais. Foi assim que pensei em cortar números, sinais, colchetes, chaves, parênteses e convidar os alunos a um desafio novo. Esse desafio teria um nome estranho, mas que chamava a atenção da turma. O material concreto que usaríamos seria chamado de “*Expressões numéricas humanas*”, era um nome estranho, mas que já chamava a atenção dos alunos. Os alunos se organizando no pátio da escola como tinha solicitado antes de sair da sala. Deixei resolverem como se fariam os grupos, ficaram à vontade mas sempre coordenando para e manterem a disciplina e o comprometimento com o trabalho. Pedi que a turma se dividi-se em três grupos, e mantendo a disciplina iríamos até a quadra de esportes, a resolver cada expressão. Quando percebi que não se organizavam, pois não chegavam a um acordo entre eles, propus que primeiro a turma tivesse só um grupo para resolver a primeira expressão, e foi o que realizaram. Logo, cada grupo teria um aluno que ditaria a expressão, outro que iria distribuindo o material (números, sinais, etc.) e um aluno que resolveria a expressão. O restante do grupo seriam a expressão numérica. E eu era a mediadora no trabalho. Percebia que a cada erro cometido na resolução, sempre tinha algum aluno que percebia e faziam assim a correção. Combinei com a turma que durante as aulas seriam realizados exercícios de expressões numéricas, mas que eles tomariam nota dos exercícios, em uma folha separada. Montamos a primeira expressão numérica com os números inteiros relativos, cada aluno está posicionado como foi solicitado pelo colega que está coordenando a resolução da expressão. A cada aula sempre era questionada, se resolveríamos as expressões humanas no pátio da escola. A empolgação e o interesse dos alunos era tanta que quando foi divulgada a data da “I Feira da matemática da Escola Bairro do Parque” eles pediram para apresentar o trabalho das “*Expressões numéricas humanas*”, numa conversa perguntei a eles, se eles estavam seguros para desenvolver esse trabalho na feira, pois receberíamos visitas de autoridades, de professores na área da

matemática e alunos de outras escolas. Foram unânimes em dizer que eles queriam apresentar o trabalho. No dia da feira, nos relatos eles mencionavam a angustia que sentiam, para a professora, para os pais ao ver as notas do boletim e deles de não conseguir resolver as expressões, mas, com o método adotado eles tinham aprendido a operar com estes números e eles iam demonstrar.

Percebi que da maneira que se abordou o conteúdo aumentou a auto estima dos alunos fazendo com que eles se esforsassem ao máximo, para conseguir resolver as atividades proposta, a cada dia que passava um novo desafio era vencido. Percebo que é necessário esgotar todos os recursos que temos nas nossas mãos como docentes, fazer com que nossos alunos aprendam e consigam perceber que com esforço e dedicação conseguem vencer os obstaculos. Em cada rosto durante as apresentações do trabalho se via a dedicação e o empenho dessa turma. Como mediadora desse trabalho hoje percebo quanto foi importante trabalhar com o material concreto e dessa forma fazer a turma gostar, compreender e operar com os Números Inteiros Relativos envolvendo expressões numéricas. Hoje os alunos que fizeram parte deste trabalho cursam a oitava série a maioria na mesma escola, continuo ministrando aulas para este grupo e percebo a importância do trabalho que realizei, pois eles não apresentam dificuldades com os Números Inteiros Relativos.

Temos que ter um aluno ativo, participativo, fazê-lo pensar que os conteúdos fazem parte do dia-a-dia dele, e uma maneira de se conseguir isso é o uso do material manipulável, porém, devemos ter cuidado, nenhum material é válido por si só. Devemos dar ao aluno o direito de aprender, não um aprender “mecânico”, repetitivo, de fazer sem saber o que faz e por que faz, muito menos um aprender que se enfatiza em brincadeiras e sim um aprender significativo do qual o aluno participe raciocinando, compreendendo.

Foi realizada uma entrevista, a qual foi desenvolvida com a intenção de verificar a impressão que os alunos tem sobre a disciplina de Matemática, a importância do material concreto usado nas aulas e o resultado na aprendizagem dos Números Inteiros Relativos. Fizeram parte dessa pesquisa, além dos alunos da turma, os pais, a supervisora da escola e a diretora da escola. Todos os segmentos envolvidos na pesquisa mostraram a positividade do trabalho realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho nos proporcionou a oportunidade de desenvolver com educando o conceito e as operações com Números Inteiros Relativos através de um trabalho com material concreto e diferenciado.

Acreditamos e confirmamos com base na opinião dos participantes da pesquisa, que através das atividades realizadas ocorreu uma evolução na compreensão dos conceitos e das operações com os Números Inteiros Relativos.

Esperamos que este estudo possa contribuir para futuras atividades relacionadas a evolução da compreensão que os discentes possuem em relação ao conteúdo de Números Inteiros Relativos.

REFERÊNCIAS

- FRAH, G. *Os números - A historia de uma grande invenção*. Globo, 2ª.ED, 1989.
- FERNANDES, A.M.V. [et.al.]. *Fundamentos da Álgebra*. editora UFMG, 2005.
- EVES, H. *Introdução á história da matemática*, 3ª. Edição. Unicamp, 2002.
- BOYER, C. B. *História da matemática* , 2ª. Edição Edgard Blücher, 1998
- MIGUEL, A. & MIORIM, M. *A História na Educação Matemática – Propostas e desafios*. Editora Autentica , 2005.
- DEVIS, K. *O gene da matemática*. Record , 2004.
- ONWAY, Jonh H. e GUY, Richard K. - *O Livro dos Números*, Col. Gradiva/Universidade de Aveiro, n.º 6, 1ª ed., Lisboa, Gradiva, 1999, ISBN 972-662-696-x.
- IFRAH, Georges - *História Universal dos Algarismos. A Inteligência dos Homens contada pelos números e pelo cálculo*, vol. I, 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, S. A., 1997, ISBN 85-209-0841-1.
- MASINI, Giancarlo - *A Matemática. O Romance dos Números*, Col. História Ilustrada da Ciência, 2ª ed., Círculo de Leitores, 1979.
- Mindtrap II, O Desafio Continua*, Mindtrap Games Inc., Lisboa, Mattel Portugal, Lda, 2000.
- PARELMAN, Y - *Matemáticas recreativas*, 1ª ed., Lisboa, Editora Litexa, 1979, ISBN 972-578-016-7.
- PESTANA, Isabel - et alii - *Matemática 5*, 1ª ed., Carnaxide, Constância Editores, S.A., 2000, ISBN 972-761-111-7.
- SALVADO, Alda - et alii - *Desafios - Matemática 7º Ano*, 1ª ed., Carnaxide, Constância Editores, S.A., 1998, ISBN 972-8250-52-5.

FIorentini, Dario; Miorim, Maria Ângela. *Uma reflexão sobre o uso dos materiais concretos e jogos no ensino da matemática*. In: Boletim SBEM-SP, 4(7): 5-10, 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino de primeira à quarta série*. Brasília: MEC/SEF, 1999